



**Balances e
perspectivas sobre
os primórdios do
Sport em terras
brasileiras**

**Cleber Augusto
Gonçalves Dias¹**

Resenha

Obra:

***Cidade sportiva:*
primórdios do esporte no
Rio de Janeiro**

Victor Melo
Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

¹ Unicamp, Campinas (SP).

Estudos históricos sobre o esporte costumam se apresentar destacando o relativo preconceito da História diante de determinados objetos de pesquisa, tais como o próprio esporte. No entanto, desde os meados da década de 1960, re-elaborações teóricas das ciências sociais, chamadas genericamente de “virada cultural”, criaram um contexto bastante favorável para uma sutil mudança desse estado de coisas. No campo da História, mais especificamente, viu-se a materialização dessas repercussões no surgimento de uma Nova História Cultural. Basicamente, tratava-se de um deslocamento que permitia às pesquisas históricas se dedicarem, dali em diante, ao estudo de representações tanto quanto de práticas sociais. Assim, novos objetos se apresentavam à reflexão histórica, entre os quais o esporte.

No plano internacional, essa época vê a consolidação institucional de esforços investigativos nessa direção. É o momento em que surgirão associações e publicações científicas especializadas que se dedicarão, especificamente, ao estudo do esporte na órbita das ciências sociais. É esse o caso, por exemplo, da *Internationals Sociology of Sport Association*, fundada em 1965 e que passou a editar desde então a *International Review for the Sociology of Sport*. Tais iniciativas foram se cristalizando e ao longo da década de 1970 ganharam em escopo e em abrangência, atingindo, a partir daí, outras disciplinas. No campo da História, mais especificamente, em meados dos anos 1970 cria-se a *North American Society for Sport History*, que imediatamente passou a editar o *Journal of Sport History*, com o objetivo de “promover o estudo de todos os aspectos da história do esporte”. No mesmo sentido, em 1982 cria-se a *British Society of Sports History*, que passa então a editar o *International Journal of the History of Sport*. Em 1983 aparece ainda a *Australian Society for Sports History*, responsável desde então pela publicação do *Sporting Traditions*.

Mais ou menos nessa mesma época, ainda no plano internacional, publicações de novos trabalhos estabeleciam de maneira definitiva a temática no âmbito dos estudos sociológicos. O livro de Jean Marie-Brohm, de 1976, sobre a sociologia política do esporte é uma amostra emblemática nesse sentido². Suas proposições são reconhecidamente como de grande alcance e visibilidade³ e mesmo que suas reflexões não abordassem, direta e especificamente, a história do esporte propriamente dita, muitas implicações nesse sentido puderam ser inferidas a partir da obra. Com orientação teórica claramente marxista, Brohm argumentava, em linhas gerais, que o esporte era o resultado “superestrutural” do estabelecimento do sistema capitalista industrial moderno. Nesse sentido, apenas sob as condições inauguradas por e nestas configurações sociais é que o esporte pôde se desenvolver. Por caminhos diferentes, o trabalho de Allen Guttman intitulado *From ritual to*

² BROHM, Jean-Marie. Sociología política del deporte. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

³ PRONI, Marcelo W. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo W.; LUCENA, Ricardo (Orgs.). Esporte: história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002, p. 31-61.

Record e publicado em 1978 também afirmava a singularidade histórica das práticas esportivas em contraste a dimensão cerimonial e ritualística de jogos e práticas pré-modernas⁴. A despeito das diferenças que separam os dois trabalhos, ambos marcaram profundamente os futuros encaminhamentos dos estudos do esporte, sobretudo o seu aspecto e a sua dimensão moderna.

No Brasil, entre o final da década de 1970 e início da de 1980 o tema começa a receber atenção mais sistemática de alguns analistas sociais⁵, embora antes disso já tivéssemos algumas manifestações mais esporádicas e circunscritas, como é a tradução brasileira de 1969 do livro *Sociologia do esporte*, de Georges Magnane⁶, ou o bem-sucedido ensaio de João Lyra Filho, de 1973, que no curto período de um ano já alcançava sua terceira edição.⁷ Paralelamente, começam a surgir também trabalhos de historiadores profissionais sob este aspecto. Em 1978, a revista *Encontros com a Civilização Brasileira* publicava dois artigos sobre Futebol e História, assinados, respectivamente, pelo jornalista Jacob Klintowitz e por Joel Rufino dos Santos, que em 1981 publicaria um ensaio intitulado *História política do futebol brasileiro*⁸.

Ao longo de toda a década de 1980 as discussões acadêmicas em torno do esporte foram sendo sensivelmente mais sistematizadas e ganhando envergadura. Destacam-se nesse sentido os primeiros textos de Roberto da Matta sobre o assunto, especialmente um título de 1982 organizado por ele mesmo sob o título *Universo do Futebol*.⁹ Na década seguinte, o esporte ganha mais espaço em algumas universidades e aumentam o número de publicações. Em 1990, no departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cria-se o Núcleo de Sociologia do Futebol, iniciativa pioneira que entre 1994 e 1997 editaria a revista *Pesquisa de Campo*. Emblematicamente, vemos ainda no ano de 1990 a aparição de títulos como *O que é sociologia do esporte*, de Ronaldo Helal¹⁰, ou *O pontapé*

⁴ GUTTMAN, Allen. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

⁵ TOLEDO, Luiz H. de. *Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)*. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, n. 52, São Paulo, 2001.

⁶ MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

⁷ LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro / Brasília: Bloch / MEC, 1973.

⁸ SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Ver também, DIAS, Cleber. *Resenha do livro História política do futebol brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos (São Paulo: Brasiliense, 1981). *Recorde*, ano 1, n. 1. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde>.

⁹ DA MATTÁ, Roberto [et al.]. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

¹⁰ HELAL, Ronaldo. *Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

inicial, sobre a história do futebol brasileiro entre 1893 e 1933, de Waldenyr Caldas¹¹, que “inauguraram” uma fase de aceleração das publicações nesse sentido, cujos números só fariam se multiplicar até o final do período.

A partir do ano 2000 ter-se-á o primeiro grupo de trabalho sobre esporte na Reunião Brasileira de Antropologia, o mesmo acontecendo na Reunião Anual da Anpocs em 2002 e em 2003 também no Seminário Nacional de História da Anpuh.¹² Do mesmo modo, veremos o aparecimento de novos grupos de pesquisa dedicados ao assunto, como o Grupo de Estudos Futebol e Sociedade, liderado pelo professor Luiz Carlos Ribeiro e sediado na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba; do Núcleo de Estudo sobre Esporte e Sociedade, da Universidade Federal Fluminense e coordenado pelo professor Marcos Alvito; ou ainda o Laboratório de História do Esporte e do Lazer, coordenado pelo professor Victor Melo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2005 temos a aparição da revista *Esporte e Sociedade* (<http://www.esportesociedade.com>) e ainda mais hodiernamente teremos a partir de junho do ano passado a *Recorde: Revista Brasileira de História do Esporte* (<http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde>).

De certo modo, o livro *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*, bem como seu autor, Victor Andrade de Melo se articulam profundamente com esses últimos desdobramentos. Publicado em 2001, trata-se, na verdade, do resultado de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida entre 1995 e 1999. Dividido em cinco partes, o livro pretende, basicamente, identificar os primórdios do esporte no Rio de Janeiro, como o próprio subtítulo anuncia. Sua principal motivação, apresentada logo no início, é o de tentar saber “como teria começado a prática esportiva em terras brasileiras?” (p. 13).

Não por acaso, o trabalho começa com uma discussão sobre as “principais práticas reunidas em torno da denominação esporte” (p. 19), a fim de “identificar a partir de que momento podemos falar de esporte” (p. 20). Diante das questões, um conceito de esporte é então definido preliminarmente, qual seja, “um campo relativamente autônomo, com uma lógica interna específica” (ibid.).

A partir daí, a incorporação do esporte em terras brasileiras será pensada a partir de uma dupla e complexa circularidade, que tenta superar dicotomias e oposições exageradas e pouco matizadas entre o nacional e o internacional ou os dirigentes e os subalternos. Então, em primeiro lugar, destaca-se que o esporte representou no Brasil inegavelmente uma prática cultural importada, cujo nexos se encontrava, principalmente, na possibilidade de demonstrar proximidade e similitude com o universo cultural europeu. Não por acaso,

¹¹ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

¹² GUEDES, Simoni L. Resenha do livro *Lógicas no futebol*, de Luiz Henrique de Toledo (São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, n. 51, p. 178-183, 2003.

utilizavam-se os termos em inglês, chegando-se até mesmo a copiar o modelo de realização de competições, regulamentos, bem como uma série de outros simbolismos ao redor das práticas, tais como o *glamour* ou a distinção social (p. 32). Por outro lado, destaca-se também que tal incorporação precisou contar com o apoio e a disponibilidade de um grupo de atores desejosos em importar esses costumes. Portanto, como afirma o autor, não estamos diante de uma “passiva acomodação de idéias” (p. 26).

Do mesmo modo, a análise das formas de relacionamento entre as elites nacionais e as camadas populares empreendida sobretudo no capítulo três – no meu ponto de vista, o ponto alto do livro – também destaca um imbricado jogo de forças, ou nas suas palavras, “um complexo de relações”. De um lado, a expectativa dos grupos que detinham o monopólio simbólico das práticas esportivas, interessados, a um só tempo, em difundir-las e obstruí-las. Difundi-las por causa das possibilidades potenciais em sua exploração econômica, além da sua apresentação como um irradiador de códigos que funcionassem como um substituto moralmente mais adequado para divertimentos populares vistos já como bárbaros, selvagens e violentos, como as brigas de animais por exemplo. Ao mesmo tempo, nota-se o interesse de manter sua difusão sempre em termos mais ou menos restritos e relativos, a fim de assegurar o controle de significados dramatizados pelos esportes. Nesse sentido, tanto no turfe quanto no remo uma série de mecanismos foram criados para tentar impedir que a difusão de ambas as práticas pudesse permitir codificações ou re-adaptações fora dos parâmetros concebidos inicialmente. O empenho das associações de remo para reforçar sua dimensão amadorística ao longo dos primeiros anos do século XX é um bom exemplo sob este aspecto.

De outro lado, teremos um relativo desinteresse inicial das camadas populares diante do esporte, que a princípio não se empolgaram muito diante dos novos hábitos. Nas palavras de Victor Melo, “o esporte não era uma prioridade para as camadas populares” (p. 113), suas características não faziam parte dos seus parâmetros e das suas realidades e ele não estava completamente ajustado ao seu gosto ou às suas tradições culturais. No limite, do ponto de vista popular, esportes eram apenas mais uma oportunidade de diversão, mas não necessariamente a prioritária (ibid.). Assim, a exclusão inicial dos populares das arenas esportivas não é apenas o resultado bem-sucedido de ações de controle entabulada pelas elites, até porque, no Brasil, “o esporte estava então mais ligado aos desejos das elites de recriar um mundo europeu, do que propriamente marcar uma posição de classes ou estratégia de controle corporal” (p. 211). Longe disso, a forma restrita de participação popular pôde significar também uma recusa voluntária em aceitar os códigos de conduta inscritos implicitamente nos esportes. Mas claro que isso não é tudo. Inversamente, as oportunidades de participação para além do aspecto do consumo esportivo eram, de fato,

bastante restritas, e a população reconhecia isso, o que só reforçava as suspeitas e a relativa falta de entusiasmo inicial diante dos esportes que aportavam por aqui. Havia, contudo, um elemento fundamental naquele momento que dotava os esportes de algum interesse para o *populacho*: a possibilidade de ganhos materiais, seja através das apostas, seja através da possibilidade mais geral de ascensão social. Em suma:

Deve-se pensar o impacto do esporte na sociedade sem considerar as camadas populares como completamente dispostas a resistir aos sentidos propagados pelas elites, como também sem se renderem a eles por completo. Tais camadas também incorporaram muitos dos valores difundidos, até mesmo para deles fazer uso de acordo com seus interesses (p. 141).

Essas são relações de força bastante complexas e muito difíceis de serem apreendidas teoricamente ou demonstradas empiricamente. Mas a trilha investigativa escolhida por Victor Melo mostra-se, no fim, bastante engenhosa e criativa para matizar tais relacionamentos. A captura da voz das elites em suas preocupações para com a definição e o controle dos sentidos dramatizados pelas práticas esportivas vai evidenciando os motivos e as raízes dessas preocupações, que era o receio, justamente, na perda dessa hegemonia. Ao invés, portanto, de destacar nessas dinâmicas apenas a dimensão simbólica dominante, que nas leituras mais fáceis e convencionais seriam capazes de exercer uma força coercitiva supostamente absoluta, Victor inverte o fiel da balança e evidencia o protagonismo e o papel ativo presente nos códigos de recepção, apreensão e incorporação do esporte entre as camadas populares. E faz isso, amiúde, através de uma observação das dinâmicas internas às próprias elites, ou seja, através dos desdobramentos e reagrupamentos nos arranjos das suas institucionais, como a formulação e reformulação de normas, códigos, estatutos e assim por diante.

Suas conclusões e suas formas de abordagem, em suma, marcam um importante momento das elaborações teóricas acerca do esporte. Evidentemente, existem determinadas questões que precisariam de uma re-avaliação crítica, como as concepções de modernidade, a natureza e a abrangência das séries documentais disponíveis para a reconstituição histórica do fenômeno esportivo ou mesmo a periodização mais adequada para a identificação dos primórdios do esporte no Brasil. Mas isso tudo são questões que deverão ser enfrentadas de agora em diante, e que serão, por algum tempo ainda, herdeiras dos encaminhamentos apresentados nessa obra, que certamente é um dos livros mais importantes sobre história do esporte no Brasil.